

# A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:  
P. JULIO HILÁRIO VAZ

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00

Melgaço, 1 de Janeiro de 1958

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 158

## PARIS!

Na Fraternité Sacerdotale o Rev. Superior reservara-me uma surpresa.

Vamos para o refeitório. E sou convidado a sentar-me à sua direita. Rezamos e sentamo-nos nos nossos lugares. Como já tive ocasião de lhes dizer, aqui se encontram sacerdotes de vários continentes alguns deles professores de universidades; outros missionários, párocos e, por vezes, alguns senhores Bispos. Pois bem, naquele dia, tinha eu de haver-me com o interrogatório dos meus prezados colegas.

Falamos da nossa Pátria e de Salazar. Pode ver que todos os meus colegas admiravam Salazar. Falamos do progresso da nossa terra, do muito que se tem feito nestes últimos anos. Mas também se notou que o nível de vida em Portugal ainda era baixo.

Expliquei que tínhamos a nossa "casa" muito individualizada, que a Sociedade das Nações nos vexara com o possível empréstimo, que recusamos; que não tínhamos estradas, portos, que os nossos monumentos caíram e que foi preciso comprar por milhões um dos caminhos de ferro de Moçambique, etc., etc. Que ainda não foram descobertos todos os tesouros escondidos de Portugal, o seu solo, o sub-solo, que eramos um país com pouca indústria...

— Mas V. Rev.ia fala muito bem o francês, diz-me o rev. Padre Superior. Os meus amáveis leitores não vão supor que fui um az na conversação francesa. Nada disso. Os franceses são, por vezes, extremamente gentis. E aquelas palavras queriam dizer que lhes interessava ouvir falar de Portugal.

— E as vossas colónias? — pergunta-me o mesmo rev. Superior. Era um assunto que a todos interessava. E eu que já o esperava, respondi categoricamente: mas nós não temos colónias. (E todos ficaram surpreendidos). — Mas Portugal não tem colónias?

Respondi: — Chamam-nos um povo atrasado. E vejam como nos adiantamos aos outros. Quando todo o mundo vos acusa a vós de terdes colónias, a nós não se nos pode fazer a mesma acusação. Nós não temos colónias. Nós temos províncias. E expliquei. Todos acharam muita graça e apresentaram homenagem ao Sr. Dr. Salazar pela clara visão das responsabilidades e por se ter antecipado às outras nações, que se dizem avançadas.

Foi aquele almoço uma homenagem ao meu país. Não se fizeram brindes, é certo, mas levantei-me da mesa daquele refeitório, com mais orgulho de ser português. Fomos para a capela e pedi ao Senhor que nos ajudasse a continuar a obra redentora do país.

As 12,45 estava na rua Jean Jaurès, junto de um café, onde perguntei pelo meu paroquiano Esmeraldino e bom Amigo, Armando de Araújo, de Prado, que tanto me haviam de estimar nos restantes dias que passei em Paris.

Responderam-me que era no andar de cima que moravam. Ali os procurei, sem me lembrar de que nessa hora deviam estar nos seus trabalhos, como efectivamente.

Não estavam, mas disseram-me que eles já sabiam da minha estadia por Paris. (Delicadezas do nosso Mário...)

Fui a Montmartre, que ainda não conhecia. E enquanto passeava, pude ver num muro o reclame: "dia sem vinho: o dia sem sofrimento".

(Continua na 4.ª página)

## Excursão a Lisboa

Na Pensão Minhotã está aberta a inscrição para uma excursão a Lisboa de ida e volta, a qual se efectuará no mês de Julho; próximo, e terá a duração de sete dias. No próximo número daremos o itinerário.

## A NOSSA ETERNA GRATIDÃO



Aos Excelentíssimos Senhor José Joaquim Martins e Sua Excelentíssima Esposa D. Alzira Martins, dilectos filhos de Fiães, que em terras do Brasil, honradamente, amalharam grandes bens de fortuna e que, dotados dos maiores sentimentos morais e sociais, na sua passagem por esta querida freguesia, quiseram, acedendo ao nosso pedido oferecer um relógio para a torre que se anda a construir na capela do S. Coração de Jesus, da Adedela, que Deus os cumule de bênçãos, lhes dê muitos anos de vida, e a nossa eterna gratidão.

Fiães, 1 de Janeiro de 1958.

O Pároco Padre Manuel Lourenço

## Boas Festas

Enviaram-nos cumprimentos de Boas-Festas: António Augusto Gonçalves Ribeiro, nosso dedicado correspondente em S. Paio; Hilário Rodrigues, «A Social» e a «Fomento Comercial de Papelaria».

Nossos agradecimentos.

## Exames para cabos da Guarda Fiscal

Fizeram exames para cabos de Guarda Fiscal, tendo sido classificados, os nossos amigos e assinantes: António Matias de Araújo, Hilário Rodrigues e Maximiano Alves.

Nossos parabéns.

## Correio de «A VOZ»

Do nosso prezado assinante Hilário José Augusto Rodrigues recebemos a seguinte carta, que muito agradecemos:

Ex.mo Rev.mo Sr. P.e Júlio Hilário Vaz — Braga

Em meu poder a carta de V. S.ª de 14 do corrente e também o bilhete postal da Empresa do Diário do Minho, de 16 também do corrente, assinado por o Sr. P.e António Luís Vaz.

Em face do referido postal e sobre os 10\$00 que excedem o pagamento da assinatura referente aos anos de 1956 e 1957, informo V. S.ª que tal importância deve ser empregada em benefício do jornal «A Voz de Melgaço».

Vendo a despesa, e os jornais que se perdem por esse mundo fora, por as pessoas mudarem constantemente de residência, resolvi, sem exemplo para os outros assinantes, pagar a minha assinatura anual com a importância de 25\$00.

O jornal de Melgaço é, para mim, um amigo que não se esquece de falar aos seus patriotas, no país e no estrangeiro, dando-lhe saudações da sua terra natal.

Em 23-XI-57.

Hilário José Augusto Rodrigues

## Convento de Fiães

Os lugares que rodeiam o convento de Fiães ofereceram ao rev. do padre Manuel Lourenço dez mil escudos para a aquisição do relógio da torre.

A fim de tratar das obras de restauro do Convento junto dos Monumentos Nacionais, segue, brevemente, para Lisboa o sr. Abade de Fiães.



## Da Vila

Dezembro, 25

ECCE TTERUM CRISPINUS...

Há um ror de tempo que andávamos para chamar aqui a atenção de quem de direito para o lamentável estado de conservação em que se acham muitos caleiros e algerozes de alguns prédios urbanos desta Vila confinantes com a via pública — só de alguns prédios, claro, pois a maioria deles não possuem estes indispensáveis requisitos. Talvez por não ser obrigatório...

Pois há um ror de tempo que andávamos para abordar aqui este cruaente "senão", há; mas, como o Estio e o Outono decorreram com tempo quase sempre seco, o mesmo foi passando, de modo que só agora com o ribombar do trovão... queremos dizer, com as chuvas copiosas que tem caído, é que nos lembrou invocar Santa Bárbara. Ao fim e ao cabo, o nosso caso nada deve ter perdido com a demora, pois algo nos diz que mais uma vez perdemos uma boa ocasião de ficar calado...

Mas seja como for — ora pro nobis — devido ao estado vergonhoso em que se encontram muitos caleiros e algerozes, quando chove, o pobre do incola ou transeunte que necessita deslocar-se de um para outro ponto do burgo, não o pode fazer arrimado aos prédios mas tão somente pelo meio da rua para, assim, não apanhar banho forçado com os "pingantes", já que, como dissemos, muitos prédios não têm caleiros nem algerozes e outros que os têm tem-nos em tal estado de conservação que é a mesmo — ou peor — que os não ter.

Não nos recorda agora se o nosso vetusto, podre e carcomido, Código de Posturas Municipais — uma raridade bibliográfica com que a Câmara teima em reger-se... — tem postura que preveja este caso. Se a tem bom seria que quem de direito a fizesse cumprir, e se a não tem... ora, se a não tem, faça-se já uma para pôr cobro aos inconvenientes focados.

CRISPINO

**Missa de Natal** — Com muita ordem e a igreja Matriz repleta de fiéis, nem só desta freguesia como também das circunvizinhas, se realizou, às zero horas de hoje, nesta Vila, a tradicional "Missa do Galo", tão do agrado dos melgaçenses, sendo celebrante o nosso zeloso Abade, rev. P.e Justino Domingues.

**Mercado semanal** — Realizou-se, no pretérito sábado, dia 21, o clássico mercado semanal que esteve bem abastecido e melhor concorrido. Como desde há alguns anos a esta parte dedicamos aqui especial atenção a este mercado por se realizar nas ante-vésperas de Natal, vamos registar os preços do mesmo quanto mais não seja para as gerações vindouras fazerem a história da economia local. Ora...

O milho vendeu-se a 9\$00, o meio decalitró; o centeio a 10\$00, idem; feijão branco a 14 e 15\$00, idem; feijão rajado a 11, 12 e 13\$00, idem; feijão frade a 8 e 9\$00, idem; batatas a 1\$20 o quilo; cebolas a 2\$00 idem; pelos perus mais pequenos pediam 60\$00; os patos venderam-se a 35\$00 cada; galos, galinhas, frangos e franginhos (de geito) venderam-se desde 35, 25, 20 e 12\$00, cada, respectivamente; havia coelhos cujo custo variava entre 15 e 20\$00 cada; ovos quem não desse 14\$00 pela dúzia não comia "rabanadas"; polvo fresco a 14 e 15\$00 o quilo (em Melgaço todos os desmandos são tolerados...); boas sardas (cavalas) a 6\$00 o quilo; chicharro a 2\$00, o par; sardinhas a 4\$00, a dúzia; muitas (chilas, abóboras e geremús, desde 1\$00 cada; pinhas mansas a 1\$00 cada; nozes a 10\$00 o cento; castanhas a 7 e 8\$00 o meio decalitró; maçãs desde 2\$00 a dúzia; laranjas, idem, idem; bons molhos de couves de-olho desde 1\$00, cada; idem de nabos pelo mesmo preço; cenouras a 2\$00 o quilo; repolhos à razão de 4\$00 idem; mel a 18\$00, o litro, e finalmente os tradicionais "cacetes", venderam-se à razão de 5\$00, o quilo. E assim vai o mundo...

**Comandante da Secção da G. F.** — Pela última Ordem do Exército, foi promovido a tenente o muito digno comandante da Secção da G. F. deste concelho, sr. Alcino José Vieira, funcionário íntegro que entre nós goza da geral estima e simpatia, nem só pelo seu nobilíssimo carácter, incorruptível, como também pelos seus generosos dotes de coração — os Bombeiros Voluntários e o grupo desportivo "Sport Clube de Melgaço", já muito lhe devem...

Receba, pois, o ilustre oficial as nossas respeitadas felicitações com votos ardentes de num futuro muito breve

## Carta de Lisboa

N A T A L

Eis-nos chegados ao Natal. Natal que palavra tão doce e que tão bem soa ao nosso ouvido. Natal, engodo mágico que faz despoovar lugares públicos, ruas e caminhos, levando as pessoas para o seio das famílias, onde o fogo do lar parece ter um brilho especial, como não apresenta durante o ano. Une e funde num só o palpitante de muitos corações.

O frio, e é isto o que maior encanto dá à quadra, ajuda a juntarem-se em torno da mesma lareira, novos e velhos, pais e filhos, irmãos e irmãs.

Natal — nascimento — nasceu Cristo, tomou a nossa natureza para aos homens trazer o seu amor. Oh festa incomparável para quem pode sentir todas as suas delícias!...

Como é belo ver subir do casario, aqueles fumos brancos que se estendem por montes, outeiros e vales; sobem e fundem-se num só, mostrando assim, a união de todos os corações e de todas as almas a usufruírem dos mesmos sentimentos, comemorando a mesma festividade.

Dentro da quente atmosfera do lar, o crepitar manso do lume, o riso fresco da mãe, a alegria das crianças, histórias dos avós, caçoilas que andam numa roda viva, panelas que parecem dançar, vinhos aromatizados, como tudo isto nos impressiona, choca, cativa e encanta.

Porém, surgem-me à mente, todos esses que, longe do torrão natal, da sua pátria e de todos os seus, não podem disfrutar das santas alegrias desta noite. Oh tortura!...

Todos eles vivem esta noite com recordações do passado e sonhando com um futuro mais justo.

Parece-me estar vendo esse homem já feito, esse rapaz na primavera da vida, que, em terras distantes, granjiam, à custa de suor e lágrimas o suficiente e por vezes até o supérfluo, para todos os seus.

Para que seus filhos e familiares tenham uns pratos suculentos e conforto nesta noite, quanto eles não sofrem. Contudo, a imagem da esposa adorada, os rostos angelicais de seus filhinhos, ou então as venerandas figuras dos pais ou a doce visão da futura noiva, são para eles o único lenitivo no abatimento moral que esta comemoração produz neles.

Talvez se sentem, cabeças entre as mãos, a pensar e a sonhar com o seu cantinho à lareira, lugar que continua vazio, à espera do seu desejado regresso.

Com certeza que de seus olhos brotem algumas lágrimas, que podem ser de tristeza, podem ser de aniquilamento de alma, podem ser de nostalgia da terra natal, mas que são sempre, e incondicionalmente, lágrimas de alegria? Por quê? Porque sofrem, mas o seu sofrimento é o prazer e conforto de todos os seus.

Haverá noite mais mística?

Noite única, noite inegalável, noite sem par, como tu fazes brotar de todos os corações, os mais finos sentimentos que podem refluir duma alma.

Lisboa, 1.ª quinzena de Dezembro de 1957.

Manuel Costinha

comunicarmos aqui a sua promoção ao posto imediato.

**O tempo e a agricultura** — Nomeadamente no dia de ontem, choveu copiosamente. Hoje, porém, o tempo parece mostrar tendência para estiar.

— Estão as sementeiras de centeio praticamente feitas, muitas vinhas já podadas e os gados... continuam a ter mau passado.

— Agora, aos interessados, lembramos que em Janeiro podem semear: — aipo, alho-porro, alfacs (próprias da ocasião), betarraba para salada, cebolas, chicória, couves diversas (excluindo couve-flor, repolhos e bróculos) ervilhas, favas, nabuças, rabanetes, salsa, tomates (em estufim), giestas, tojos e penisco.

— Plantam-se morangueiros, batatas (onde não forem de reear as geadas), alhos, videiras e árvores de fruto, parque e florestais.

— Mergulham-se vides; podam-se e limpam-se as videiras e árvores frutíferas; assim como também se limpam as colmeias, devendo incliná-las um pouco para escorrerem as águas pluviais e reduzir-lhes ao máximo a abertura.

— No minguante, cortam-se canas, vimes e madeiras para construção e mobiliário.

*Janeiro molhado se não é bom para o pto não é mau para o gado*

## SOCIEDADE

ANIVERSÁRIOS

**Fazem anos:** — hoje as sras D. Flaviana dos Anjos Soares Moreira e D. Leonor Rodrigues Teixeira e os srs. António da Conceição Carvalho e António Soares (Prado); amanhã a sra D. Albertina de Jesus Domingues Pereira de Castro e a menina Carolina Rosa Martins (Moreira); no dia 6 a sra D. Filomena da Conceição Rodrigues Vieites; no dia 8 a sra D. Armanda de Jesus Dias de Figueiredo; no dia 9 a sra D. Ruth Alves Sampaio e o menino António Rui Esteves Solheiro; no dia 11 o sr. Mário Francisco de Araújo e o menino Sérgio Rui Saavedra Marinho; no dia 12 o menino Alvaro Jorge Saavedra Marinho; no dia 13 a sra D. Maria Elvira Barbeitos Ribeiro de Figueiredo e Castro Silva, o sr. Justino Vieites (correspondente de Parada) e o jovem Manuel Luís Gonçalves Merim; e no dia 14 as meninas Hélia de Jesus Anselmo Pereira de Castro e Maria do Sameiro de Sousa Cerqueira.

JOSÉ PINHEIRO

CALHEIROS

Do tribunal da comarca de Monção, onde exercia com muito zelo e proficiência o cargo de chefe da 2.ª Secção de Processos e onde pelo seu carácter impoluto grangeou numerosos amigos, transitou para o desta comarca o nosso querido amigo sr. José Henrique Pinheiro Calheiros, que foi colocado à frente da Secção Central.

Receba, pois, o querido amigo o nosso abraço de felicitações.

NOTAS PESSOAIS

Em Rouças, onde vieram passar o Natal, estiveram os rev. dos P.es António Luís e Júlio Hilarião Vaz, respectivamente directores de o «Diário do Minho» e de «A Voz de Melgaço».

— Pelo mesmo motivo, está na Vila a galante menina Maria Cândida da Cunha Esteves, inteligente alumna-mestra da Escola do Magistério Primário de Braga.

— Chegado de França, está entre nós o nosso prezado amigo sr. António Fernandes, filho do saudoso António Luís Fernandes.

— Também, chegado de Paris, aqui se encontra o nosso estimado amigo sr. José Alves de Melo.



# Cartas ao Director

Ex.mo Sr. Director de "A Voz de Melgaço,"

Tendo passado vista a um jornal, publicado ultimamente, entre outras cousas nele se dizia:

"Usou da legítima defesa, ou do sagrado direito da legítima defesa..."

Isto referia-se à resposta a um escrito noutra jornal. Sr. Director pergunto a V. Ex.<sup>a</sup>, que sabe perfeitamente o que é a legítima defesa, se se podem fazer insinuações ou até injúrias, como justificação bastante para que se considere legítima defesa contra o que outro escreve. Eu salvo melhor explicação, a legítima defesa é, à face da Lei penal, defender-se contra qualquer agressão, efectiva ou eminente, agressão com vista a ofensas corporais, é claro. No caso presente, a legítima defesa, se legítima defesa se lhe pode chamar, seria fazer uso, em devido tempo, das prescrições da Lei de Imprensa, caso houvesse motivo plausível para o seu uso.

Com os meus respeitosos cumprimentos

Rouças, 20 de Novembro de 1957.

Manuel Inácio Durães

## Sni-gni-gni

AINDA NÃO VAI DESTA NEM DOUTRA MUI PROXIMA

Diz o "Século," que Melgaço precisa ouvir mais de perto o apito do comboio português. Não é aspiração de agora, senão de há muito, mas não há que pensar nestas coisas enquanto não apareça um homem cheio de saúde e actividade, inteligência e vontade de fazer grande uma terra que só é grande pelas suas belezas naturais. Aguarde pois, o "Século," a oportunidade.

Fala-nos também desses pirilampas que, por vezes mostram querer dar luz à vila e proximidades.

Eu acho bem assim para desenvolvimento da indústria: Se a vila estivesse convenientemente iluminada, não se gastavam tantas cargas nem lâmpadas nos focos para poder transitar por algumas das suas ruas. E' comércio.

As artes *apuram-se* — mas esta, a de se apoderarem do alheio, ainda que não se apurasse tanto, só tínhamos a lucrar.

O assalto à horta, à capoeira, ao nabal e à coelheira é mau, não há dúvida, mas já é tão trivial, que não constitui surpresa para ninguém. Mas há dias deu-se na freguesia de Vilar, concelho de Vila do Conde um facto que não me convenceo de que fosse praticado por simples roneiros, mas por exímios artistas.

Pelas 4 horas entraram, por meio de chave falsa, em casa do Sr. Fernando de Azevedo Silva, chegando a entrar no quarto onde ele dormia.

Uma vez lá, *mobilizaram* duma mesa de cabeceira um relógio de pulso, uns brinco e um cordão de ouro, e duma cadeira levaram um seu facto que continha um relógio e uma carteira com cerca de 1.000\$00.

A carteira e o facto deixaram-nos perto da porta de casa.

Ora para se entrar numa casa que se sabe estar habitada, já é preciso ser muito cadastrado e ter sido muito feliz noutras entradas. Ali, se o Sr. Silva está acordado e os presentes, bem sairiam de carreta para o cemitério, pois tinha bem à mão a espingarda caçadeira.

Quem evitou a tragédia foi sua esposa que, acordada, mas fingindo que dormia, pode ver que um dos gatinhos levava numa das mãos um foco, dirigindo a luz para onde lhe convinha, e na outra não pôde distinguir se levava pistola, se punhal. Quer dizer que iam dispostos para a pior das hipóteses. E assim aquela senhora, não dando sinal de alarme, evitou que seu marido, acordando, tivesse de ser assassino ou fosse então assassinado.

GRILLO

## Prado, 26

*Dizer e desdizer tudo é dizer* — Em minha última carta, disse eu que em poder da Junta de Freguesia estava já a competente participação para a conclusão da obra de abastecimento de água aos lugares da Corredoura, Serra, Igreja, S.to Amaro e Bouços. Era caso para aqui embandeirarmos em arco se esta notícia correspondesse inteiramente à verdade; o que, infelizmente, assim não é.

A participação que veio foram apenas 20.000\$00 de reforço para os trabalhos já feitos de pesquisa de água, pois o cabedal para a restante obra, que está orçada em 172 contos, há-de levar seu tempo aqui a chegar; mas chegará, porquanto o Estado Novo não costuma faltar com o que promete.

Agora, aproveito o ensejo para informar que o caudal daquela mina, no pico do período estival, é de 108 litros por minuto, o que é mais que suficiente para o regular abastecimento dos falados lugares.

Em Bouça Nova e (em casa de seu primo sr. José António de Araújo Gonçalves, faleceu, em 20 do corrente, o sr. Afílio Domingues, solteiro, de 75 anos, filho de Caetano Celestino Domingues e de Joana Rosa Gomes. Desbaratou um fro de anos da sua vida lá pelo Brasil, e porque era o expoente máximo da probidade... nunca pôde preparar à tal árvore «pataqueira» — regressou tão ou mais pobre de que quando embarcou.

O saudoso extinto gozava de geral estima e simpatia, e se tinha por ele especial respeito e veneração, pois, além do mais, foi Ele quem junto à Pia Baptismal, me sobrenomeou — era meu Padrinho.

À toda a família enlutada, em especial a seu irmão sr. Alvaro Domingues, apresento sentidas pésames.

Também, no pretérito dia 10, faleceu, em Badim, Monção, o sr. José de Sousa Lobato, de 66 anos, chorado irmão do digno regedor desta freguesia sr. Cláudio de Sousa Lobato, a quem, apresento sentidas condolências.

Com sua mulher e filhos, segue, depois de amanhã, dia 28, para Lisboa, onde, em 2 de Janeiro, há-de embarcar para um dos colonatos do Ultramar, o sr. José Fernandes da Silva.

Para a mesma cidade, onde foram passar as festas natalícias, também seguiram os srs. António Soares e José Simplicio Moreira (Pelella) acompanhados de suas respectivas esposas.

## Parada do Monte, 26

*Fal-cimento* — Com a idade de 37 anos, faleceu, no dia 17, a sra. Glória de Jesus Esteves, esposa do sr. Manuel Caetano Pires, professora Regente na Vila do Castro Laboreiro. A sra. Glória que já há tempos se encontrava retida no leito, pediu que a transportassem para a casa de seus pais, pois que aqui melhoraria, o que tal não aconteceu. Pois na sexta-feira veio ela de Castro e na terça-feira já deu contas a Deus. A sra. Glória, que era uma sauta creatura; onde os pobres que lhe batiam à porta nunca saíam sem a sua esmola deixava 3 criancinhas de tenra idade; o mais velho tem apenas 6 anos. O seu funeral foi muito concorrido, vendo-se muita gente de fora, principalmente de Castro. Paz à sua alma.

A família enlutada e du-

—Regressou do Porto a menina Maria Lucinda Rodrigues de Abreu e de Braga seu irmão, o seminarista Cândido Rodrigues de Abreu.

Também regressou de Lisboa a gentil menina Teresa da Cunha Sotto Mayor Martins Moreira, sobrinha muito querida da Sra. D. Amabéla da Cunha Sotto Mayor Martins Rodrigues.

—Vi aqui o sr. José Albano Lourenço, digno guarda-floresta em Cabana Maior, Arcos de Valdevez.

—E não se esqueça o prezado leitor, que no dia 15 do próximo mês de Janeiro se há-de realizar aqui a costumada festividade em honra do milagroso Abade Santo Amaro, advogado das fracturas e aleijões. De modo que se tens ex-votos a cumprir...

... tome já nota. —C.

P. S. — Amigo, de Lisboa — dos tais que estão convencidos de que eu sou uma espécie de Farmácia — sabe tudo — em carta, pede-me que o esclareça sobre aquela contagem de calendas, idos, etc., etc., que tem visto mencionada centos de vezes, mas de cuja cronologia não faz a menor ideia, etc., etc.

O assunto é, realmente, complicado (eu não há muito que me inicii (?) nele...) e não é um jornalzinho de província, como o nosso, o local (mas apropriado para abordá-lo).

Como, porém, há pelo menos um leitor que deseja ser esclarecido no mesmo... lhes as Boas festas que tanto trabalho e cansaças deram para os criarem... Mas Deus nosso Senhor lá está para os recompensar das suas falias.

Oxalá consiga fazer-me compreender, o que muito duvido. —C.

ma maneira especial ao seu desolado esposo, enviemos as nossas sentidas condolências.

*Nascimento* — Deu à luz uma criança do sexo feminino a sra. Rosa Esteves, esposa do sr. Justino Pires, do lugar de Cortegada.

*Viajantes* — Vindos de França, têm chegado a esta freguesia muitos homens e rapazes que vêm passar o Natal e ano novo junto de suas famílias.

Também se encontram junto de suas famílias os nossos estudantes que vieram passar as férias do Natal junto dos seus parentes e amigos.

*O tempo e a agricultura* — Tem chovido e nevado ultimamente abundantemente, mas os rios ainda não encheram, continuando secos, quase como no verão. As últimas chuvas vieram beneficiar muito a agricultura. Este ano que está a terminar não foi bom para coisa nenhuma. Houve pouco milho, pouco feijão, pouco vinho, pouco centeio e pouca batata, molestia na gente, molestia nos bovinos, molestia nos suínos tendo morrido muitos.

Enfim deixá-lo ir que não deixa saudades a ninguém.

E para terminar as nossas crónicas deste ano, desejamos que os directores e mais pessoal que trabalham na «Voz de Melgaço» tivessem suas festas do Natal muito alegres e uma feliz entrada de ano novo. E se quer saber notícias da sua terra, assinse «A Voz de Melgaço». —C.

## Penso, 27

No dia 20 do corrente nesta freguesia, em todos os lugares pertencentes à nossa freguesia, realizaram-se iluminações, por tradição antiga, em honra de S. Tomé que se venera na sua capelinha na Serra de S. Tomé.

No dia 24 houve em todos os lares, a ferver, o belo Bacalhau com Batatas, as belas rabanadas, e as famílias falando no passado presente e recordando aqueles que já lá vão com saudades!...

Agora falta a despedida do ano presente como nos deixa e como principiamos, se Deus quiser, o que vem.

Não posso deixar de dizer que muitos haverá que nestas alturas se esquecem dos seus. Que houve muitos que nem aos seus pais esqueceram uma carta a dar-lhes as Boas festas que tanto trabalho e cansaças deram para os criarem... Mas Deus nosso Senhor lá está para os recompensar das suas falias.

(Continua na 4.ª pág.)



## PARIS!

(Continuação da primeira página)

Em França faz-se uma bem organizada propaganda contra os alcoólicos. Por toda a parte se veem recomendações, avisos sobre os perigos do álcool. Pois naquele muro, protestava-se: "Dá sem vinho é via sem sol".

Montmartre! Ali caíram umas bombas alemãs, durante esta última grande guerra.

Uma formosíssima basílica ao cimo de umas elegantes escadarias. Lindíssima paisagem sobre Paris e arredores. E dentro muitos fiéis e muitos turistas. Ao cimo, um riquíssimo altar e o púlpito atraí e concentra, por largos momentos, a atenção de quem entra. E vi uma imagem formosíssima de Santo António, o santo português. Rezei por largos momentos naquele ambiente de fé e mais uma vez pedi ao Senhor pelo triunfo da causa de Santa Rita.

Desci à cripta, que admirei e voltei cá fora. Por largos momentos, me demorei observando aquela terra, onde tantos dos meus compatriotas trabalhavam, mourejando o pão de cada dia para si e para os seus. Mas confesso-lhes: gostei mais do nosso Bom Jesus do Monte. Não é tão rico (sempre a nossa pobreza!) mas o conjunto achei-o mais bonito. Se Paris tivesse todo o nosso Bom Jesus do Monte, de Braga!...

Voltei à rua Jean Jaurès, às 18,30, mas ainda não tinham chegado aqueles meus bons amigos. E foi outra vez, mais uma vez, a Malakoff, para visitar os meus paraguianos, Laurentino, de Eiró e o Soares de Loviô. Saí do metropolitano e dirigi-me a um taxi. Pedi ao motorista me levasse à rua Chavvelot, onde aqueles bons amigos deviam estar.

Chiticamente me responde um e depois outro (eu percebi depois a história...) que não conhecia a rua. Que motoristas estes! Alguma escaram na chão, quando a gorjeta não vai até aquilo que eles desejam... Estes não queriam sair dos seus lugares, porque Chavvelot era ali perto!

Fui a pé. Já escurecia bastante e a rua ainda ficava um pouco longe. Procurei os meus amigos. Mas não estavam. Deixei-lhes na caixa do correio, um bilheteinho a dizer que voltara ali, mais uma vez, e que os esperava, no próximo domingo, em Nanterre, para assistir à santa missa. (O Laurentino havia de encontrá-lo uns dias mais tarde, mas convalescente num hospital de Paris. E que pena não o ter encontrado, gozando de boa saúde!)

Voltei novamente a Jean Jaurès. Agora sim, já lá estavam os nossos amigos, Armando e Esmeraldino. Abraçamo-nos, com as saudades de quem já há muito se não vira. E fomos jantar numa pensão daquela mesma rua.

Dirigi-me à Senhora, que dirigia os serviços, a pedir a refeição e ela respondeu-me, sorrindo, que não percebia. Mas logo o patrão acudiu dizendo: E, já muito tarde...

Fomos a outro restaurante.

Serviram-nos muito bem e... levaram-nos bastante caro. Tivemos tempo para falarmos longamente das nossas terras, do progresso da nossa terra. Não esqueçamos a estrada de Santa Rita que já passava por perto da casa do Esmeraldino. Lembrei que Parada do Monte também iria ter em breve a sua estrada florestal, pois já ali andava o Sr. Engenheiro, a levantar a planta. Lembramos o Mário, o grande animador das nossas crónicas da vila e grande paladino da terra de Prado. Ali falamos do pequenino Carlos, filho do Mário que já se treinava também na arte jornalística de seu pai. E lembramos sobretudo a lindíssima terra de Prado, porventura a sala de visitas do coneelho, tão bonita e assada e...

Não me consentiram os meus amigos que eu pagasse o jantar, como devia ser, mas ambos fizeram essa fineza ao humilde sacerdote da sua terra, que de longe os ia procurar.

E entregaram-me 20.000 florinhas. O Armando, o Esmeraldino! Como os recordei. E que pena não os ter encontrado mais cedo. A passagem pela sua casa, onde tanto seria estimado nos outros dias que passei em França, nunca os posso esquecer. E sobretudo nunca posso esquecer a devoção, o interesse e o carinho que os problemas de Santa Rita lhes mereceram.

Que Deus lhes pague!

Quando voltei para casa, era já tarde e a policia estava a efectuar um grande cerco a umas ruas vizinhas, onde procurava argelinos rebeldes. Confesso que me fez impressão aquele ar de guerra.

P. e Carlos

## Por Paderne

Obus no nosso velho «Carvalho»—Monumento Nacional. Foi com alegria que vimos chegar a esta freguesia alguns artistas para trabalharem nas obras de restauro do nosso querido e inacabável Convento, que segundo informação fidedigna, para este ano só lhe participaram uns escasos escudos, para serem levantadas umas algumas paredes que vão dar ao nosso velho sacristão o gosto de poder subir à torre para quando faz falta poder tocar os sinos, pois só o fazia por intermédio de uma carcomida escada de madeira.

Vamos ver se lá para 1970 estará tudo arrumado.

Tal e mentes. —Foi no passado dia 10 que se firou no lugar da Portela, sua residência o Senhor Faustino Esteves, de 64 anos de idade.

Quem não conhecia o Sr. Faustino da Botica, sempre risinho e sempre pronto a dar respostas com o sabor a seu modo e a tempo?

Há já muitos anos que o extinto sofria de doença de reumatismo, pelo que o empenha de dar longos passeios.

Foi no C. E. P. para França onde combateu.

O seu funeral realizado no dia 12 demonstrou bem quanto era estimado, pois nele se incorporaram muitas pessoas. A urna coberta pela Bandeira da Liga dos Combatentes da G. Guerra, foi conduzida com os restos mortais até à última morada por praças da G. N. R. do posto de Melgaço colegas de seu filho, Arnaldo José Esteves, do Posto de Tangil.

Paz à sua alma e à toda a família enlutada os nossos pésames.

Também no dia 25, faleceu no lugar do Pinheiro a sra. Rosa dos Reis Fernandes, de 66 anos de idade.

Era muito estimada, devido à sua honestidade e trabalho.

Que descanse em paz e à família enlutada os nossos sentimentos.

Baptizado. — No dia 25, recebeu as águas baptismas, sendo-lhe posto o nome de David Manuel, um filhinho do nosso querido amigo sr. David Gomes de Sousa, doutor Guarda Fiscal no posto de Melgaço e de sua esposa sra. Amélia da Glória Cortes.

Que seja feliz são os votos ardentes do C.

## Penso

(Continuação da pag. 3)

Chegaram de França 3 rapazes.

No lugar do Coto-Felgueiras, com a idade de 88 anos, faleceu o sr. Aires Ro-

## GAZETILHA

Jantar... de consoada

Jejuava, nessa altura  
O travesso do Ventura;  
No entanto, mesmo assim,  
Palitava a «dentaça»,  
Depois afagou sua pança  
Botou fala e disse por fim:

— Sim, senhor, um bom jantar  
De comer até empanurrar  
O bucho como um maço!  
Que fartura! Quem diria  
Que o Ventura toparia  
Tal pechincha em Melgaço?!...

— Olhenta e gostosa canja,  
Loirinha como laranja;  
Bons filetes de pescada  
De batatas acompanhados;  
Mais dois ovos estrelados  
E a competente salada.

— Pão e vinho à discreção;  
Grossas toras de salpicao;  
Dois bifés, e nada mans;  
Galinha de fricassé;  
No fim, fruta, rum e café.  
E tudo por cinco «paus»!...

Uma senhora que o ouvia,  
E que pela boa mesa se lambia,  
Ao ver tanta coisa junta  
Já co' água na boca a crescer  
Não foi capaz de se conter  
E, vai daí, faz a pergunta:

— Onde foi, senhor Ventura,  
Onde foi essa fartura  
Que eu também queria ir lá comer?  
— Ai, minha rica senhora,  
Onde foi... isso agora  
Também eu desejava saber!...

M.

## Rouças, 29

Vindo de França, chegou a esta freguesia o nosso bom amigo, sr. Manuel Esteves, de Loviô, que tem sido um grande amigo dos seus conterrâneos.

Também chegou, vindo de França, o nosso bom amigo, sr. Manuel Meleiro, de Loviô, também grande amigo da gente da sua terra.

Para o Algarve, depois de umas férias, em casa de seus estremecidos pais, voltou o nosso estimado assinante e amigo, sr. José Augusto Alves, digno guarda-fiscal.

Para Lisboa regressou o nosso prezado assinante e amigo, sr. Agostinho de Sousa, dos Pérezes.

Para as harragens de Paracela, regressou o nosso estimado assinante e amigo, sr. António Vaz, ali conceituado dirigente, acompanhado de sua mãe e esposa.

Na Maternidade da vila, deu à luz um lindo menino a sra. D. Maria Assunção Valente, estremecida esposa do sr. Arlindo Alves (Neiva) do Crasto, digno guarda-fiscal na Peneda.

Veio à sua terra preparar a documentação, para o seu casamento o nosso amigo e assinante, sr. António Sancha, da Cela, digno funcionário da E.G.T., no Porto.

Estêve bastante incomodada de saúde a esposa do sr. Manuel Lourenço, de Paçó.

Trabalha-se activamente na organização do cortejo dos Reis Magos, a realizar nesta freguesia no próximo dia de Reis. Há muita animação por toda a parte, esperando-se uma linda festa nesta freguesia.

driguez, aposentado da ra dar de repente qualquer Guarda Fiscal, o seu funeral as pessoas.

ral foi muito concorrido.

Paz à sua alma. — Devido ao muito frio — Tempo muito áspero. De não posso dar mais notícias-manhã, um frio que se não Por isso fico-me por aqui, pode aguentar. Está bom pa- Já chega.—C.



# a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:  
Dr. JCLIO HILARIO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço

Propriedade e impressão: Empresa do Litrão do Minho, Limitada - Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00

Melgaço, 15 de Janeiro de 1958

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 159

## O Problema Escolar da Vila de Melgaço

### Carta a quem de direito

pelo DR. ABEL VARELA E SEIXAS

Senhor!

Somos português no pleníssimo uso dos nossos direitos civis e políticos, homem, como tantos anónimo e da rua e que na nossa pequenez servimos Salazar e a Revolução de 28 de Maio, e ainda porque mais interessa ao caso, nado e creado no Distrito de Viana do Castelo, tudo que neste se passa nos interessa, merece atenção e carinho. Não seremos melgaçense, mas já o fomos pelo coração e podemos continuar a sê-lo, se se admitir o conceito pela Saudade. De qualquer forma, e porque somos do Distrito, estamos à vontade nos problemas; não somos adventício! O nosso muito e muito saudar!

Entre vários problemas que vem afectando a linda Vila e Concelho de Melgaço, avulta o da construção dum Edifício Escolar, pelo Plano dos Centenários, salvo erro. Até aqui, tudo normalíssimo. Porém, está o Calcanhar de Aquiles, na sua situação; divergem as opiniões, disente-se, ventila-se o caso, o tempo vai-se protelando, o Quartel General continua em Abrantes, neste caso o velho edificio no Largo principal da Vila. Ora, alheios a paixões, à distância, portanto sem influência de amigos ou de quem quer que seja, examinemos o problema à luz dum raciocínio frio, calmo, positivo e desinteressado, sem outro interesse que não seja o da causa pública. Creemos que há um plano de urbanização. Sendo assim e merecê do estudo feito, pesados os prós e os contras, do urbanista ou urbanistas, das entidades responsáveis, concelhias ou não, deve lá estar assinalado o local para essa construção. E se o está, porque não ser esse o ponto escolhido para a implantação do referido edificio?

Os planos de urbanização, são geralmente caros, pagos pelos Municípios, pelo menos em parte; as suas alterações,

(Continua na 2.ª página)

## Casa do Minho

E O CENTENÁRIO DO  
PROF. JOSE' MARIA RODRIGUES

Tendo ocorrido este ano o primeiro centenário do nascimento, na freguesia de Santa Eulália do Cerdal, concelho de Valença do Minho, do grande camoneanista e sábio professor que foi o Doutor José Maria Rodrigues, a direcção da Casa do Minho resolveu, na sua última reunião, propor à Câmara Municipal de Lisboa que esta tome a iniciativa de assinalar publicamente a memória do insigne humanista.

A referida proposta, considerando que, desde 1893 até 1942, data da sua morte, foi na capital que o mestre ilustre exerceu a sua laboriosa e excepcional actividade de espírito, prevê

(Continua na 3.ª pág.)

Nesta altura do ano, continuam os turistas a visitar Castro Laboreiro para admirarem, quando cai em abundância o espectáculo maravilhoso da neve.

Publicamos, hoje a sua igreja paroquial, que ainda atesta, vestígios de românico.

## Paris

UM DIA MEMORAVEL

Era o sétimo dia que passava em Paris e, litúrgicamente, dedicado às sete dores de Nossa Senhora, o dia 15 de Setembro. Bem doloroso foi ele para quem, como eu, levava uma missão especial, a de fazer chegar a todos os meus compatriotas um pedido da nossa querida Santa Rita, tão estimada de toda a população do concelho.

Pois é verdade. O dia de hoje, litúrgicamente, é dedicado a Nossa Senhora das Dores. E vão ver como na verdade é este o dia de muitas dores.

Pelas 17 horas estava na casa dos nossos bons amigos, Esmeraldino da Boa-Vista e Armando de Araújo, de Prado. Lanchamos e seguimos para Bonby. (Nunca mais me esqueceu este nome de uma terra de França...) Lá estava o nosso amigo Gilberto, de Soutomendo, que para ali

(Continua na 3.ª página)

## Santa Casa da Misericórdia

Chegam-nos notícias de que os srs. José Maria Pereira e o Sr. Sargento Silva pediram a demissão da Santa Casa.

O caso passou-se depois de se haver apreciado a designação do Sr. António da Ascensão Afonso para ser o representante da Misericórdia no Conselho Municipal.

Porque para o assunto já foi chamada a atenção do Sr. Presidente da Câmara, no último Conselho Municipal, que até ao presente não o esclareceu julgamos que para o facto, por ser grave e público, deve ser chamada a atenção de Sua Ex.ª ou do Sr. Ministro do Interior ou do Sr. Sub-Secretário da Assistência, para se ordenar um inquérito.

Que o Sr. Provedor da Santa Casa tome esta iniciativa, como lhe compete.

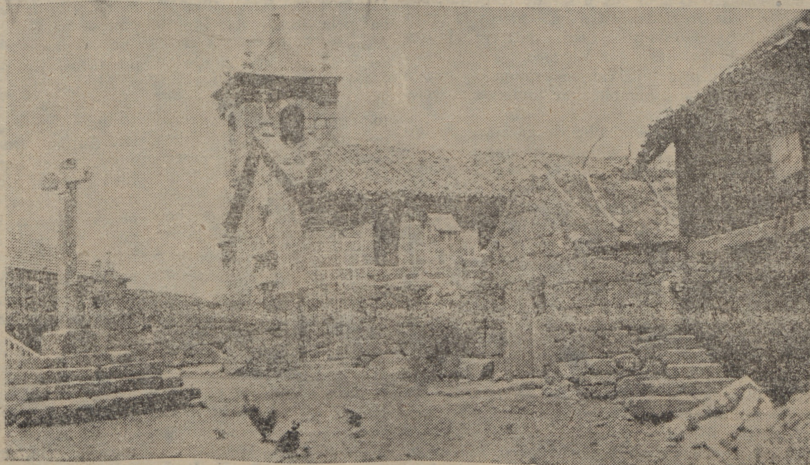
J. V.

## Tenente Alcino Alberto Vieira

Teve a gentileza de nos enviar um cartão de agradecimento pelas referências que lhe fizemos por ocasião da sua promoção. Sr. Tenente Alcino Alberto Vieira, muito digno Comandante da Secção da Guarda Fiscal.

## Boas Festas

Enviei nos cumprimentos de Boas Festas o Sr. Dr. Abel Varela e Seixas, nosso querido Amigo e ilustre colaborador.  
Gratos.





## Conselho Municipal e revogação de mandato dos vereadores padre Lourenço e prof. Queiroz

Tendo o tribunal da Auditoria Administrativa suspenso a aplicação da decisão do Conselho Municipal, que revogara o mandato aos vereadores srs. padre Manuel Lourenço e prof. António Queiroz, o Conselho Municipal, por maioria, apelou para o Supremo Tribunal Administrativo, o qual revogou a decisão da Auditoria.

Esta forma vai entrar a questão existente entre o Conselho Municipal e os citados vereadores em julgamento, para se saber se as razões apresentadas pelo sr. Presidente da Câmara, dr. Júlio Outeiro Esteves, foram fundamentadas ou não.

## O Problema Escolar da Vila de Melgaço

(Continuação da 1.ª página)

quando superiormente reconhecidas, também não devem ser baratas. Apesar de tudo, mantém-se em reclamação durante o tempo julgado necessário. Ora dada a normal renovação administrativa, os planos devem ser uma coisa estável, que se respeitem; se entrarmos nas contínuas alterações em função disto ou daquilo — salvo se reconheça erro gravíssimo, o que não é vulgar nos nossos competentes técnicos — deixarão de ser uma coisa para se respeitar, para serem aplicados aos menos protegidos da fortuna, com menos força ou influências pessoais. Se assim se fizesse, teria a nossa Lisboa, e outras terras, sido o que hoje são?! E aparecem por vezes, argumentos tão infantis, para os casos de construções de escolas, como o das proximidades de vias públicas de grande movimento, que não chegamos a compreender como foi possível colocá-las em bairros de trânsito intensíssimo, na nossa Capital, por exemplo, no movimentadíssimo e moderno Bairro do Arieiro onde vivemos. De qualquer maneira e porque há discussões e há terras, onde parece haver o prazer de lançar ou ver discórdia, pelo menos aparente, de crear labaredas altas e fazer ondas, quando se anunciam Obras do Estado Novo, que tomamos a liberdade de pedir: — que se cumpram os planos de urbanização que custaram dinheiro, dinheiro dos municípios, haja sempre em vista. O resto, maneiras de ver duns e doutros, são casos meramente pessoais e as amizades, têm nestes e noutros casos, compreensivelmente e pelas partes interessadas, de serem postos de lado.

Não sabemos onde o Plano de Melgaço, coloca as referidas escolas; se em terrenos de pessoa amiga, conhecida ou indiferente, que inimigos não temos, ou pelo menos se os há, nunca demos por eles, tão insignificantes devem ser. Seja como for, o "Plano" deve ser de respeitar, sejam atingidos pobres ou ricos, fracos ou poderosos, tanto mais, que segundo opinião de pessoa culta da terra, ela nos informou que "a propriedade em Melgaço, vale pouco". Se não se mantém um princípio, cair-se-á numa espécie de anarquia e não poderemos, amanhã, ser tomados a sério.

Somos um modesto escrevinhador de gazetas, nas horas vagas e na nossa terra, especialmente na nossa Província. Na nossa modéstia, sempre por ela temos pugnado, porque é nossa, porque a sentimos bem ao lado do coração. Mas nunca, nestes e noutros pormenores, deixamos de ser independentes, por a nada de contrário sermos obrigados. E' a tal verticalidade da espinha, de quem se confessa nacionalista, anti-comunista e Voluntário da Ordem, desde a primeira hora, razão por que lhe custa um certo número de coisas.

Assim, pedimos, juntamos a nossa voz aos que pedem a resolução deste caso. Num ponto ou noutro, onde quiserem, onde entenderem, se nos provarem que estamos no erro para honradamente se confessar, tão próprio, tão natural na condição humana. Não abandonaremos o assunto, e se for necessário, focá-lo-emos sempre que o julgarmos preciso porque as escolas na Vila de Melgaço, são de há muito UMA NECESSIDADE. Já se discutiu bastante o assunto e das palavras vai sendo horas de passar aos factos, glorioso timbre desta Era da Revolução Nacional em Marcha.

## Sociedade

ANIVERSARIOS

*Fazem anos:* — Amanhã a sra. D. Maria Ivone Ferreira da Silva Pardal, no dia 17 a menina Izilda de Jesus de Melo Araújo; no dia 18 a menina Maria Arminda Dias de Figueiredo e o jovem Carlos Augusto Alves; no dia 21 o sr. António Abílio Rodrigues da Cunha; no dia 22 a menina Maria Florinda Lopes de Sousa Cardoso; no dia 24 a sra. D. Maria da Paz Soares Calheiros Gonçalves; no dia 25 os srs. António Perfeito Soares e Eleutério dos Anjos Golim; no dia 26 o jovem Fernando Nuno Dantas da Costa Afonso; no dia 28 a sra. D. Jucite de Barros Durães; no dia 29 a sra. D. Maria Jala das Neves Pinheiro; no dia 30 a sra. D. Ofélia de La-Salette Reis Gonçalves; no dia 31 o jovem Mário Guerreiro Ratinha.

*Na cimenca:* — Deu à luz um lindo e robusto menino a sra. D. Maria Amélia de Castro Ribeiro, esposa amantíssima do sr. dr. Manuel Joaquim Gonçalves Ribeiro, abajizado médico do 2.º partido municipal. Tanto a mãe como o recém-nascido passam bem.

Nossas felicitações.

## Parada do Monte, 10

Cá estamos, queridos leitores, no ano de 1958 a iniciar as nossas crónicas para o nosso Jornal "A Voz de Melgaço".

*Falecimentos:* — No dia 7 faleceu a sra. Albina Esteves, esposa do sr. Justino Esteves, do lugar de Cortegada. A família enlutada enviamos as nossas condolências, e paz à sua alma.

*Festividade:* — No dia 6 realizou-se aqui a festa do Menino que foi brilhante pela banda de Tangil. A missa foi cantada a grande instrumental subindo ao púlpito o sr. P.º Albertino, abade de Chaviães que muito agradou aos numerosos ouvintes. No fim da missa saiu uma imponente procissão que percorreu o itinerário do costume, e depois de recolher a procissão houve o leilão de um lindo ramo. Não vão pensar os nossos queridos leitores que era um ramo de flores, pois que no mês de Janeiro não há flores. Foi um ramo de valiosas plantas que rendeu a bonita soma de mil e vinte escudos, a qual bateu o recorde pois nunca se vendeu um ramo por semelhante quantia.

*O tempo e a agricultura:* — Continua o tempo frio e de chuva. Nevar é o que ponho tem nevado — C.

## Rouças, 12

UMA LINDA FESTA!

O grande acontecimento da semana foi sem dúvida a festa dos Reis Magos no dia de reis. A comissão a que presidiu um grupo de rapazes, cheios de entusiasmo, o Sr. Manuel Lourenço, de Eiró, Carlos Rodrigues, e José Afonso de Requeijo, fez tudo para que nada faltasse. E não faltou.

O certo é que nunca se viu nesta terra tanta gente, como naquele dia. Até da vila de Monção. E se a vespera fosse um dia lido de bol e a manhã caquele dia clareasse melhor não se caberia nesta estrada de Rouças.

Os forasteiros começaram a chegar cedo, para irem escolhendo os seus lugares. Da Póvoa, saiu às oito horas da manhã o grupo de Senhoras que de carro traziam a indumentária precisa para o figurado. O dia não nos prometia grande coisa e parecia ameaçar. De Penso, veio a charrete que havia de levar os anjos no cortejo, seis lindas figuras de criancinhas dirigidas pelas irmãs de Eiró. Os homens foram-se aproximando da casa da Senhora Professora, D. Pura e seu Ex.º marido, o nosso bom Amigo, Sr. Armada. Dos diversos lugares vieram chegando os ramos, por sinal carregadíssimos e foram ocupando os seus lugares perto do Coto da Pena. Os de Loviô, apresentaram-se de carro e de Cavaleiro Alvo uma gentil menina dos seus doze anos trouxe uma requissima oferta, um ramo carregado de carnes, sobretudo de preciosos chouriços. E às 14,30 estava o cortejo a organizar-se.

O Senhor Engenheiro Costa fez o favor de por à disposição para os Reis Magos duas formosas e famosas montadas. De maneira que o Alfredo de Cavaleiros na sua famosa e o menino Joaquim, empregado do Sr. Dr. António Durães, de côr, e o Manuel Lourenço, de Eiró subiram e o cortejo começou a descer. Eram muitas as figuras bíblicas daquele cortejo e nem sequer faltou a figura máscula do nosso Júlio Cabelo, de Paçô, que proficientemente representava o rei Salomão. Era vê-lo, na sua indumentária rica, de porte grave, nobre, avançando vagarosamente, conscio da sua missão. E assim os outros, todos os outros. O povo alvorogou-se, riu, sorriu e compreendeu. O dia continuava a ameaçar, mas não faltou o sol a sair e a brilhar desde a curva do Coto da

Pena, acima do Crasto, vai cecendo lentamente o cortejo. Ao longo da estrada, muita gente, milhares de pessoas.

E, assim vieram baixando, vagarosamente, estrada abaixo. Lá ao fundo a nossa vila, que ali tinha uma grande representação. O João Almeida, e um colega de Praça, tocavam as marchas apropriadas. Eram os arautos dos Reis e à frente, envergavam as respectivas indumentárias da época. O povo conheceu-os e gostou de os ver ali, onde eram precisos. Mais abaixo, o Sr. Dr. António Durães, distinto advogado em Africa, filmava o conjunto e o menino Joaquim, que até ali vinha hierático, nobre, sorriu para o seu protector, em gesto de agradecimento. O coro dos anjos à frente vinha a cantar os hinos apropriados sob a direcção das irmãszinhas.

E foi então que se deu uma cena que podia ter gravíssimas consequências. Num muro da propriedade do Sr. Manuel Cunha, estavam postadas centenas de pessoas. Os arames celebraram o ferro da batida torceu e quase toda aquela gente levantando as suas mãos ao céu, como se despedissem do mundo foram caindo lentamente dentro da propriedade. Não houve consequências de maior. Mas pôde ter havido muito que lamentar. Uma senhora de Chaviães, foi levada ao hospital, felizmente sem gravidade.

O cortejo vem-se aproximando e todos querem ver o figurado, que é numeroso. Os Reis nos seus cavalos, avançam para a gruta, em São Vicente. Aqui estava a Sagrada Família, representada pela menina Lindalva, de Oleiros, pelo Alfredo de Corções, e uma criancinha do Sr. Alves da Barboça.

Os Reis aproximam-se, sobem o estrado e em nome de todos, fala o Manuel Lourenço, que gauda o Menino, a Sagrada Família e oferece os dons. Foi pena que o alto-falante não transmitisse esta alocação, que o Sr. Vasco de Almeida, da Central tão bem preparara. A seguir, vemos os ramos por lugares ou conjunto de lugares, tolos eles carregados, como favos de mel. Não pudemos tomar nota de tudo e por ordem, do que pedimos descrever.

Mas vimos a nota do que se apurou de cada ramo. E assim: Requeijo entregou 410\$00; Surribas, 2 Crasto e o Sr. Durães, de Oleiros, 300\$00 e 9 cestos de milho; Igreja, 840\$00; Eiró, Oleiros, Picota, Ver-

(Continua na 3.ª pág.)



**Paris**

(Continuação da 1.ª página)

tinha ido uns dias antes e na sua generosidade tranquilizou-nos, prometendo que faria tudo por Santa Rita. E fez. Se tudo dependesse do Gilberto, estava salva a nossa Causa. Estavam ali alguns rapazes da nossa terra. E trabalharam muito, creio que até às 19,30, umas doze horas. Esperamos que o trabalho findasse, pois não desejamos em parte alguma perturbar os serviços das Empresas, embora, no geral, os patrões em França não fossem excessivamente exigentes com a falta de alguns minutos de actividade da nossa gente.

Esperamos e anunciamos-nos. Mas o Gilberto, que já fizera tudo o que estava ao seu alcance, veio avisar-nos de que ali pouco ou nada se conseguiria. Mesmo assim, esperamos.

E ninguém nos apareceu. Ninguém. Quem foi? — Não interessa. E não fique o nosso amável leitor a pensar que se tratava de algum Ferrabrás, inimigo da religião e da sua terra. Não. Afinal gente da nossa terra, que ali labuta pensosamente para angariar sustento para as suas famílias!

Naquele hora, talvez pensassem que não podiam reparir com Santa Rita. Mas para outra vez. Não deixariam depois sem a sua oferta a querida Santa, que todos nós veneramos com afecto verdadeiro.

Vimos embora, depois de termos esperado muito. Vimos a mágoa do amigo Gilberto, que para ali viera, há poucos dias. Mas garantiu-nos que em Manterre não seria assim. E não foi.

Pelo caminho, os meus dois amigos Esmeraldino e Armando procuraram aliviar-me daquelle desgosto.

Não desanime, Sr. Abade. Não desanime. E o Armando atalhava: — mas não está bem! Um padre que tanto faz pela sua terra. — Eu não faço nada, não tenho feito nada. Mas agradeço aos meus bons amigos a sua prova de amizade e as palavras de conforto. Falamos pouco. E no silêncio em que vínhamos envolvidos, eu por várias vezes beijei reverentemente a mão do meu Deus, que me permitiu esta humilhação. E ficava ali a compreender uma vez mais que as obras de Deus são assim: — dão muito trabalho e muitas lágrimas. Beijei reverentemente a mão do meu Senhor e pedi-lhe me não abandonasse.

Mas a verdade é que chegamos a casa muito tristes. Os meus dois amáveis companheiros é que me não deixavam pensar no caso. E prometiam-me outro acolhimento com a gente de Prado e da vila que em breve iríamos visitar.

Os meus dois amigos preparavam-me o jantar na sua casa. E mais uma vez eu pude ver que os nossos homens, que tanto trabalham pelo levantamento da França, também e tão bem sabem fazer as refeições para os amigos! Ali passamos em doce convívio uns largos momentos. Soube então onde se encontravam o Laurentino e o Melo. E viemos para o metropolitano. A gentileza daqueles meus vizinhos levou-os a oferecerem-me uma caderneta com bilhetes de metro. E dirigiu-me ao local, donde devia sair para casa. O Esmeraldino, sabendo que eu não estava muito pratico com os serviços do metro, veio ver-me e como notasse que tomara lugar diferente, ainda me disse lá de dentro — "por aí não, Sr. Abade". E tomei o meu lugar no Metro que havia de levar-me a casa, por sinal ainda um pouco longe.

Pelo caminho tomei nota de que devia visitar os meus vizinhos e meus bons amigos, Melo, e Laurentino, que se encontravam no hospital.

Quando cheguei a casa, era já tarde. Vinha cansado e desgostoso. Eu não devia ter ido a Bonby. Mas era o dia da Nossa Senhora das Dores.

P.e Carlos

P. S. — Tem vindo nos números passados algumas gratias que os leitores facilmente descobrirão. Posteriormente, em nova revisão, se há-de fazer por que não voltem a aparecer.

**Casa do Minho**

(Continuação da 1.ª pág.)

que venha a ser dado o seu nome a uma artéria de Lisboa e que oportunamente seja colocada uma lápida comemorativa na casa da Rua de Pedro Nunes onde José Maria Rodrigues faleceu.

Como se sabe, já em Junho passado o Município de Valença levou a efeito, na aldeia do Cerdal, a homenagem que a Imprensa então relatou, e outras homenagens, como as da Academia das Ciências e da Faculdade de Letras de Lisboa, estão anunciadas.

**Rouças**

(Continuação da página 2)

dade, Colmeiros e Vãl, 962\$00; Lóvio, 1.308\$00; pedatório dos rapazes de Eiró, 343\$00; Pombeira, Costinã, Cerdado, Vinha de Cima e Telheiro, 876\$00; Sobral, Alceia, Pêrses, e Porto, 1.112\$80; Corções, Boavista e Fecho, 1.659\$00; Cavaleiros, Cabana e Paçõ, 1.500\$00; Eira e Cela, 1.000\$00 e dos Srs. João Manuel Rei, da Carreira, 1008\$00, do Sr. António Esteves, dos Carvalhos, 508\$00, do Sr. Abílio Pires do Cavaleiro Alvo, que veio dirigir o coro dos Pastores e o animou com a sua con, certina, que também sabe dedilhar, 508\$00 (e deixou de ir ao casamento de um seu vizinho, que muito estima, para estar conosco neste inolvidável dia); do Sr. António Fernandes, de Bilhões, 508\$00; das meninas da Juventude, um grupo, o de Maria Branca, 568\$10, o de Maria Durães, 658\$00; do Sr. Manuel Rodrigues, da Veiga, São Paio, 1008\$00 da S.ra Maria dos Carvalhos, uma pobre, 580\$00 e da S.ra Maria da Pureza de Fátima, outra pobre, 580\$00.

Os «ramos» vieram seguindo para junto do adro, onde se fizeram os leilões, e que se apurou o que fica exposto. Já no fim, a chuva só então, é que começou a cair. Entretanto a Sagrada Família veio pela estrada abaixo, recebendo as homenagens de todos e foi até à porta da sacristia, onde o grupo de Corções, muito bem preparado e ensaiado, com meninas e rapazes vestidos a rigor, cantavam e executavam as suas canções.

E no meio de uma grande alegria o povo, este bom povo, que enche de cor e alegria as nossas festas e as nossas romarias, foi debandando lentamente, bendizendo as horas felizes que aqui se passaram e forar até suas casas. Foi na verdade, uma grande festa, esta de Rouças. Nunca se fizera no conelho uma festa destas. A todo o bom povo e a todos aqueles que estiveram conosco, o nosso muito obrigado. Não se podia exigir mais nem melhor, em tão pouco tempo e com tão pouca preparação.

E foram cerca de doze mil escudos que se levaram à nossa igreja para ajudar a pagar o harmonia, que o nosso pároco adquiriu o ano passado no Porto, na Casa Ruína.

E assim terminou em glória e bem a nossa linda festa. Graças a Deus.

**Prado, 10 Excursão**

**Cronologia Romana Melgaço — Lisboa (ida e volta)**

O DIA

O prometido é devido. Prometi esclarecer o amigo D... sobre a cronologia romana e, com a ajuda do Dr. Jaime Gon mais a de Salomão Reinach, cá estou a cumprir com a palavra dada. Queima, pois, Deus que ao fazê-lo a barquinha não meta água em demasia... quero dizer: que não me saia com desaire para que se não levante por aí improvisado grupo coral a entoar alto e em bons sons o estafado estribilho popular que diz: — *cuem se mantou a ti, rapateiro...*, etc.

Ora, depois deste exórdio, dizia eu que... Tal como entre nós actualmente, o dia romano começava à meia noite e cividiarse geralmente em duas partes: — ante *meri tem e post meridiem*, ou seja a manhã e a tarde.

Até meados do século III A. C. o meio do dia, isto é a hora de meio dia era anunciada aos consules por um *acensus* — acenso, official subalterno, adjunto a qualquer alto funcionário romano — no momento em que ele apercebia o sol em certo ponto ao sul do Forum. Os mostradores solares — solarium — foram introduzidos em Roma pelo ano 290, A.C., pouco tempo depois os clepsydras — relógios de água — foram trazidos da Grécia e o seu uso pronto se generalizou. Estes instrumentos permitiam dividir a parte luminosa e a parte escura do dia em doze horas cada, mas cujo comprimento variava segundo os diferentes períodos do ano. *Meio dia* ficou sempre no fim da sexta e no começo da sétima hora.

(continua)

Da acreditada «Papeleria Fernandes» com cede no Largo do Rato e filiais nas ruas do Ouro e do Crucifixo, da cidade de Lisboa, recebi um lindo calendário de parede. Grato.

—Após ter gozado os sessenta dias do estilo (junto dos seus, regressou a França o nosso amigo Guilherme António Alves de Melo.

—Também regressou a Braga o seminarista Cândido Rodrigues de Abreu.

—Com suas respectivas esposas, regressaram de Lisboa os srs. António Soares e seu genro José Sim-

Prometemos, no nosso último número, publicar o itinerário da excursão que se realiza a Lisboa no mês de Julho, com a duração de 7 dias, e vamos cumprir:

1.º Dia — Melgaço, Monção, Valença, Ancora, Viana, Póvoa, Porto (Almoço); Espinho, Ovar, Estarreja, Aveiro, Figueira da Foz (jantar e pernóitar).

2.º Dia — Figueira da Foz, Leiria, Fátima, Tomar (almoço); Torres Novas, Santarém, Vila Franca, Lisboa (chegada pela volta das 20 horas, estadia dos dois dias seguintes e partida de regresso a Melgaço às 8,30 horas do 5.º dia).

5.º Dia — Lisboa, Estoril, Cascais, Cabo Raso, Cabo da Roca Colares, Praia das Maças, Sintra, Mafra (almoço); Ericeira, Praia Santa Cruz, Torres Vedras, Lourinhã, Peniche e Cabo Carvoeiro, Óbidos, Caldas da Rainha (jantar e pernóitar).

6.º Dia — Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazaré, Alcobça, Batalha, Leiria (almoço) Pombal, Condeixa (visita às ruínas de Conimbriga), Coimbra, Penacova, Santa Comba Dão, Tondela, Viseu (jantar e pernóitar).

7.º Dia — Viseu, Castro Daire, Lamego, Régua, Mesão Frio, Amarante (almoço); Guimarães (visita à Penha) Braga (visita ao Samedeiro) (jantar em Braga) Arcos de Valdevez, Monção Melgaço.

A inscrição continua aberta na Pensão Minhota.

**Vende-se**

Em Prado e no local mais pitoresco desta freguesia a propriedade do Coto, composta de caça e campos. Falar no Pazo com o Sr. António Ranhada.

plicio Moreira (Peleila).

—Da mesma cidade também já regressou a sra D. Bonança Delfina Gomes Calheiros de Sousa.

—E com um ano de idade, faleceu, no pretérito dia 6, no lugar dos Bouços, uma menina de nome Belarmina Augusta Soares, chorada filha do sr. António Augusto Soares e de sua mulher, sra. Palmira Joaquina Alves, a quem apresento sentidos pésames.—C.



# Da Vila

Janeiro, 10.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Caía a tarde do dia 31 do mês e ano findo, e, para aí, algures, a um canto do burgo, casualmente colhemos o diálogo seguinte, travado entre dois compadres pertencentes à classe do chamado "homem da rua".

— Então assim tão macabúzio... tão sorumbático... tão embezzerrado e meditativo?!...

— É verdade! Estou vendo o ano 1957 a estrabuchar nos estertores da sua agonia...

— Hom' deixe-o ir que não deixa saudades...!

— Lá isso não! Mas olhe que pensando bem, e à parte aquele procedimento do *seteto municipal*, o deselegante caso das estantes da escola de Paderne, e mais uns "quês", como a apaixonante questão do Grémio, o ano 1957 ainda não foi mau de todo... Oxalá o de 1958 não saia peor, o que lhe ponho as minhas dúvidas, porquanto o vejo despontar com feio cariz...

— Pessimismo...

— Sim, talvez seja isso!... Entretanto, só como amostra, veja o amigo o vinho a 4\$00 o litro; o petróleo.

— Tem razão! No entanto, o vinho compreende-se que assim seja, já que mingou a colheita e aumentou em muito o número dos devotos de Baco; o petróleo... também tem sua explicação, pois os senhores tendeiros parece que tinham os seus depósitos cheinhos a abarrotar, daí... já vê. Não lhe parece?...!

— Ah! ah! ah!...

E com este Ah! ah! ah! os dois compadres puzeram ponto final na conversa, e o Crispino também faz o mesmo, pois não deseja fazer comentários...

Crispino

\* \* \*

Janeiro, 10.

**Peste aviária** — Grassa novamente a mortífera epizootia da peste aviária neste concelho, cujo efectivo avícola, que ainda não estava inteiramente refeito da última razia, vem sendo seriamente dizimado.

A fim de debater este e outros males quejandos é que os senhores cientistas haviam de trabalhar afinadamente; mas... "sputniks", foguetões intercontinentais, etc., etc., são inventos de mais espantosa retumbância — nisso estamos todos de acordo...

**Mercado semanal** — Teve bom tempo, boa concorrência e regular abastecimento o mercado semanal realizado, no pretérito dia 4, nesta Vila. Eis os preços dos géneros de que tomamos conhecimento:

Milho 10\$00, o meio decalitro (a coisa vai...); centeio 10\$00, idem; feijão branco a 14\$00, idem; feijão rajado a 12 e 13\$00, idem; feijão frade a 8 e 9\$00, idem; batata-semente (da região) a 35\$00, o alqueire (30 litros); batata para consumo a 1\$30, o quilo; cebolas à razão de 2\$00, idem; galos, galinhas, frangos e franguiños, desde 30, 25, 15 e 10\$00, cada, respectivamente; ovos a 11\$00, a dúzia; maçãs desde 2\$50, idem; laranjas desde 1\$00, idem; tangerinas desde 1\$00, idem; sardinhas a 5\$00, idem; bons molhos de couves de olho desde 1\$00, cada, e idem de nabos pelo mesmo preço.

**A tragédia da nossa gente**... — Há pouco, emigraram clandestinamente, com o objectivo de se fixarem em França, Manuel Alves, solteiro, de 17 anos de idade; Artur Esteves, solteiro, de 17 anos de idade; José Domingues, solteiro, de 16 anos de idade; Aurélio do Nascimento Rodrigues, solteiro, de 16 anos de idade e Arlindo Fernandes, solteiro, de 16 anos de idade, todos jornalheiros e naturais deste concelho de Melgaço.

Transposta a fronteira pela área deste concelho, foram vagueando de terra em terra impelidos pela ânsia de virem a encontrar o meio onde pudessem empregar a sua actividade. A medida que os dias se succediam, os escassos escudos de que dispunham iam rareando e as esperanças diluam-se. Por espírito de economia, sujeitaram-se a pernoitar ao ar livre, mas a fome e o cansaço começava a torturá-los. Era inútil persistir, pois não podiam suportar por mais tempo este martírio sob o risco de sucumbirem à míngua, pelo que decidiram regressar aos seus lares firmemente arrependidos da aventura a que se submeteram. Entretanto, foram detidos pelas autoridades espanholas, ao atingirem os subúrbios de Pamplona, tendo recolhido à cadeia local durante 25 dias e, dali, transitaram pelas de Burgos e Salamanca.

E, realmente, um acto de temeridade empreender semelhante jornada sem documentos... sem documentos e sem dinheiro.

**Comparticipação** — Pelo Ministério das Obras Públi-

## Paços 10

Até que enfim! — Paços conseguiu aquilo que há muito desejava. Há dias foi entregue à junta desta freguesia a casa (Residência paroquial) que há muitos anos estava em poder da Guarda Fiscal. Estão de parabéns aqueles que trabalharam para tal fim.

**Falecimentos** — Faleceu há dias no lugar da Corga, desta freguesia, a sra. Marcelina Rodrigues, e no lugar da Ferreira a sra. Júlia Doureiro Crespin, mãe querida da sra. D. Virgi-

nia Crespin, e sogra do sr. Capitão José Luis e do sr. Avelino Alves. A's famílias enlutadas os meus sentidos pésames.

E' custoso voltar ao assunto: O caminho que vai da Igreja até à Corga está quase intransitável devido às silvas e aos ramaíhos que para ele pendem. Há tempos a Junta desta freguesia fez um aviso a esse respeito. Foi chover no molhado. Se a Junta lhe applicasse os termos da lei já a coisa seria outra maneira.

E' de louvar a atitude

## TORRE DE MELGAÇO

De proporções gigantescas, com majestade  
Elevando-se no ar, no firmamento  
Austera, fria, até à eternidade  
Perdida no vácuo do esquecimento.

Ruínas do presente, memória do passado  
Esbatida pelo sol, assolada pelo vento  
Nos longos dias de verão, no inverno gelado  
Em luta desesperada enfrentando o tempo

A sua volta um velho castelo em ruína

Que noutros tempos defendia humanamente

Das lanças inimigas como uma heroína

A vida dum povo a história duma gente.

Pedras sombrias triste recordação

Dum povo que lutou, de gente que sofreu.

Mas guardas ainda no teu coração

A memória dum Rei que já morreu.

Como recompensa tamanha ingratidão!

Entulho por aqui, silvas por acolá

caindo das muralhas pedras pelo chão

Abandonada e triste — ao Deus dará!

Quando te olho pobre castelo de Melgaço

Fico entristecido, pesa-me o coração

Porque noto velhice, sinto-te cansaço

Do ingrato abandono desta geração.

Artiménio Simões

cas, e proveniente do "Fundo do Desemprego", foi concedida ao município de Melgaço, para abastecimento de água a S. Bartolomeu, Penso, a comparticipação de Esc. 9.992\$00.

**Televisão** — Desde o dia 5 do corrente que no "Café Melgaçense" se vem fazendo tentativas para captação dos programas da T. V. Portuguesa, mas cujo resultado, até hoje, tem sido negativo; certamente por Melgaço estar fora do raio de acção do respectivo posto emissor.

Não há que desesperar, pois pouco terá a viver quem não ver as ondas deste maravilhoso invento — tal como as da T.S.F. — darem a volta ao Globo. Aguardemos, portanto.

**Novo Juiz de Direito** — Em substituição do meretíssimo juiz dr. Alberto Senra Malgueiro — magistrado íntegro e sabedor que por mais de cinco anos aqui ministrou justiça, o que sempre fez com subida correcção, e agora transferido para a comarca de Caminha, foi nomeado o sr. dr. José Gonçalves Ambrósio, que de Delegado do Procurador da República acaba de ser promovido a juiz de Direito, e a quem apresentamos nossos respeitosos cumprimentos.

**Pelo Arquivo Paroquial** — Durante o ano findo, os respectivos livros do Registo Paroquial desta Vila registaram: a) — Baptizados: 42, sendo apenas 15 do sexo feminino e os restantes do sexo masculino, isto é, estes quase 100% a mais do que aqueles!! Como os tempos mudam...!; b) — Óbitos: 14 adultos e 2 crianças; daqueles 5 homens e 9 mulheres e destes um menino e uma menina; e c) — Casamentos: 14.

Como se verifica, a população da freguesia em 1957 cresceu de 26 almas... E ainda há que condene a emigração...

**O tempo e a agricultura** — Tem chovido razoavelmente e promete chover mais, o que é de grande benefício para a agricultura. A temperatura mantém-se bastante amena, e não nos causaria a menor admiração e dum momento para o outro desabasse sobre nós rigoroso temporal desfeito... que os sintomas são-lhe favoráveis...

que tomou o sr. Vitorino Alberto Pires quando passou pela Junta: ou tinha que cortar a direita ou então desistir! E desistiu...

**Casamentos** — Estão para breve os seguintes casamentos: O sr. Manuel Estêves, de Azere com a menina Judite Mendes, do lugar de Sá. E a menina Esmeralda Cerdeira com um rapaz de Caminha.

E' o sr. José Carlos Mendes, com a menina Maria do Souto, de Chaviães. Que sejam felizes.

**Casamento** — Realizou-se no passado dia 28 na freguesia de Gondarém concelho de Vila Nova de Cerveira, o enlace matrimonial do sr. José Augusto Alves, Guarda Florestal, com a prenada menina Alexandra Guerreiro, da mesma freguesia.

Presidiu o Rev.mo P. Luis Guerreiro, irmão da noiva, Custódio José da Costa, P. assistido pelo Rev.mo P. A. roco desta freguesia, e pelo pároco da freguesia de Gondarém. No final foi servido um lauto jantar a vários convidados. Que sejam felizes. — C.

## Por Paderne

A' Junta de Freguesia:

—Vimos mais uma vez lembrar à Junta de Freguesia o estado lastimoso em que se encontram alguns dos nossos caminhos.

Nestes últimos dias em que tem caído alguma chuva, caminhos há que só melles se pode transitar com botas de água e não muito baixas.

Também vimos rogar que para bem da saúde pública, que peça directamente a quem dê direito a comparticipação para a exploração de água, pois lugares existem que para os seus habitantes podem colher o precioso líquido têm de recorrer a poços onde nem sempre estão limpos, pois se acontece que algum animal ali chega primeiro para beber, terão de esperar às vezes horas até esta algo clarear. — C.

## Desastre

Na freguesia de Paços, deste concelho, devido à explosão de um tiro de dinamite que estavam a preparar para abertura de um poço, ficaram feridos aos olhos os trabalhadores srs. Manuel Fernandes, de 23 anos, solteiro, natural de Varzim; e Manuel Ferreira, de 47, casado, de Paradoia, do concelho de Monção. Conduzidos ao hospital desta vila, ficaram internados, sendo grave o estado do segundo sinistrado.